

VISÃO PSICOPEDAGÓGICA E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NA CONCEPÇÃO DE PAULO FREIRE

Valdimar Cruz Felício (SME-Mineiros-GO)

Resumo: O presente estudo é parte de um trabalho de conclusão de curso de especialização Lato Sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Tem como objetivo, fazer um levantamento dentro da concepção Freiriana sobre o que é o trabalho psicopedagógico, tirando por base sua atuação institucional. Para tais fins, foram realizadas pesquisas bibliográficas, tanto de autores que escreveram diretamente para a psicopedagogia, como também do próprio Paulo Freire. Diante dos estudos realizados, percebe-se que, apesar de Freire ser um teórico de uma ampla visão educacional e ter escrito diretamente para o processo de ensinar e aprender, e defender uma aprendizagem que se contemple o sujeito como construtor de sua própria história, pode-se perceber que é de grande valia para a atuação do psicopedagogo, pois ele relatou em muito de seus escritos, a necessidade do respeito ao saber dos educandos, e, defende principalmente um fazer que valorize o educando como um ser que ao mesmo tempo em que aprende também ensina e que não aceite a tudo passivamente, pois deve ser parte principal do processo, e não apenas um receptor apático e imóvel. Enfim, embora Paulo Freire não tenha escrito diretamente para o trabalho psicopedagógico, quando bem estudado e debatido pode e deve ser de grande ajuda para um melhor entendimento do aprendiz dentro deste dinâmico e complexo processo de ensino- aprendizagem e deve ser contemplado como um ser em constante processo de aprendizagem.

Palavras- chave: Psicopedagogia- Paulo Freire- Sociedade.

Abstract: The present study is part of a conclusion work of a Lato Sensu specialization course in Clinical and Institutional Psychopedagogy. Its objective is to make a survey within the Freirian conception of what psychopedagogical work is, based on its institutional performance. For such purposes, bibliographic research was carried out, both by authors who wrote directly for psychopedagogy, as well as by Paulo Freire himself. In view of the studies carried out, it is clear that, despite Freire being a theorist with a broad educational vision and having written directly for the teaching and learning process, and defending learning that considers the subject as a builder of his own history, he can It can be seen that it is of great value for the performance of the psychopedagogue, as he reported in many of his writings, the need to respect the knowledge of the students, and mainly defends a practice that values the student as a being who, at the same time, who learns also teaches and does not accept everything passively, as he must be the main part of the process, and not just an apathetic and immobile receiver. Finally, although Paulo Freire did not write directly for psychopedagogical work, when well studied and debated it can and should be of great help for a better understanding of the learner within this dynamic and complex teaching-learning process and should be considered as a being in constant learning process.

Key Words - Psychopedagogy, Paulo Freire, Society

Fonte de financiamento: Própria
Conflito de interesse: Não
E-mail do autor-correspondência:
Data de recebido. 27/12/2022
Data de aprovado. 10/01/2023
Editor: Marcelo Máximo Purificação.



1- INTRODUÇÃO

Sabendo da amplitude e o quanto é difícil delimitar a atuação do psicopedagogo, e como é tão vasta a visão e o pensamento de Paulo Freire, que foi autor de vastas obras e que não foi apenas um pensador de seu tempo e espaço, mas também foi conhecedor de outros povos e culturas. Esteve com educadores e educandos de vários países e assim, foi fazendo e refazendo a sua história como sujeito do mundo e com o mundo.

Para tanto, foram feitas pesquisas bibliográficas das obras de Freire e de autores que falaram sobre ele, também foram feitos estudos de obras de psicopedagogos renomados em todo o mundo, e que já atuam há bastante tempo, e fazem de seu ato de ensinar, um fazer que contemple todos e qualquer educando como sendo único e construtor da sua própria história.

Assim sendo, o primeiro capítulo faz levantamento sobre o que vem a ser o trabalho do psicopedagogo. Como se dá a atuação deste profissional na instituição escolar e sua atuação clínica. Sabendo que o objeto da psicopedagogia é o sujeito em processo de construção do conhecimento, ou as eventuais causas da não aprendizagem.

Já no segundo capítulo, o enfoque continua sendo de cunho psicopedagógico, mas, com maior ênfase no processo cultural e social do indivíduo, pois sabemos que grande parte das dificuldades de aprendizagem dos educandos, estão direta ou indiretamente ligadas com o meio social em que o sujeito vive. Seja dentro da própria família ou de qualquer outra instância em que o indivíduo está inserido.

No terceiro capítulo, o relato fica por conta de um dos mais autênticos educadores brasileiros do século XX, Paulo Freire. Pegando por base sua visão social. Sabendo que foi um teórico que relatou em muito de seus escritos sobre uma educação que contemple o indivíduo como sendo produtor de sua própria história.

Já no quarto capítulo, aborda a visão construtivista de Paulo Freire, que foi um educador que contemplou o saber já construído pelo seu educando, ou tudo aquilo que vinha da cultura e do anseio da própria comunidade envolvida no processo de ensino – aprendizagem. Freire foi contra esta forma de educação que exclui, que oprime, segrega, e, principalmente castra e impede que as pessoas atuem produtivamente dentro de sua sociedade.



Finalizando, o quinto capítulo relata sobre as contribuições de Paulo Freire para o campo psicopedagógico. Sabendo que não escreveu diretamente para esta área do conhecimento, mas que por ter uma visão ampla da educação, pode-se tirar de seus inúmeros escritos, eventuais contribuições. Pois foi um teórico que pensou a educação como um todo, desde a aprendizagem em si, como também a formação dos profissionais que atuam direta ou indiretamente com a educação escolar.

2. O QUE É PSICOPEDAGOGIA

Segundo BOSSA (1994) não tem-se uma data específica de quando tenha realmente surgido os primeiros pensamentos psicopedagógicos, mas um dos primeiros registros de preocupação com as dificuldades de aprendizagem dá-se ainda no século XIX, mais especificamente na Europa. Embora a psicopedagogia tenha encontrado terra fértil na Argentina e no Brasil não se deu aqui propriamente dita a sua origem.

A Psicopedagogia não nasceu aqui e tampouco na Argentina. Investigando a literatura sobre o tema, podemos verificar que a preocupação com os problemas de aprendizagem teve origem na Europa, ainda no século XIX. Inicialmente, pensaram sobre o problema os filósofos, os médicos e os educadores. (BOSSA, 1994, p.28)

Portanto, como podemos ver, a psicopedagogia surge a partir de uma preocupação da aprendizagem escolar. Para ser mais específico, com uma não aprendizagem. Visando sanar tais dificuldades; a princípio se formos levar em consideração a nomenclatura, podemos perceber que o termo psicopedagogia se restringiu à união da Psicologia com a Pedagogia, mas para BOSSA (1994) a psicopedagogia é uma área do conhecimento que nutre de tantas outras áreas para melhor compreensão de seu objeto de estudo que é o *ser em processo de aprendizagem*. Todavia não pode um termo de grande complexidade como é a aprendizagem humana se restringir apenas a duas áreas do conhecimento.

Do seu parentesco com a Pedagogia a Psicopedagogia traz as indefinições e contradições de uma ciência cujos limites são os da própria vida humana. Envolve simultaneamente, a meu juízo, o social e o individual em processos tanto transformadores quanto reprodutores. Da Psicologia, a Psicopedagogia herda o velho problema do paralelismo psicofísico, um dualismo que ora privilegia o físico (observável), ora o psíquico (a consciência). (BOSSA, 1994, p.16)



Para SAMPAIO (2004) a Psicopedagogia surge da união Psicologia-Psicanálise-Pedagogia, onde os primeiros centros de tratamento em psicopedagogia foram fundados na Europa, mais especificamente na França por George Mauco e J Boutonier no ano de 1946. Foi a primeira vez em que pensou em unir áreas de conhecimentos distintos para vim a estudar e tratar de crianças com algumas dificuldades de aprendizagem escolar e algum desvio de conduta social e, que aparentemente não apresentava nenhuma deficiência notável. Portanto, notamos que ambas as autoras relatam que o que deu a princípio origem ao pensamento psicopedagógico foi esta preocupação com grandes números de crianças com dificuldades de aprendizagem, que até então não apresentava uma anormalidade aparente. Devido a tal circunstância, foi-se necessário mais de uma visão do sujeito aprendente, pois precisa de conhecimentos que muitas vezes não se restringia a apenas uma determinada área. Portanto, se fez necessário a união de vários profissionais, dela. Surgia uma nova forma de ver e encarar as dificuldades de aprendizagem dos alunos que não conseguiam acompanhar os rendimentos dos demais.

Como podemos ver em BOSSA (1994) restringir a psicopedagogia a dois ou três campos do conhecimento é delimitar demais a visão psicopedagógica, pois é impossível conhecer o ser humano dentro de sua complexidade apenas alguns pensamentos.

O que caracteriza uma ação como psicopedagógica é a sua especificidade, ou seja, o campo de atuação voltado para o processo de aprendizagem e seus fatores intervenientes, objetivo alheio tanto ao psicanalista quanto ao epistemólogo. Essa especificidade implica a necessidade de um corpo teórico, construído a partir da articulação dos diversos conhecimentos emprestados de outras áreas. (BOSSA, 1994, p.55)

O que foi se tecendo dentro de estudos e análise das dificuldades de aprendizagem, foi uma nova e revolucionária forma de ver e encarar tais dificuldades, pois, até então, aquilo que era de culpa exclusivamente dos alunos, passa a ser encarado como fatores externos aos próprios alunos. Como já foi salientado, as crianças que eram encaminhadas para os centros não apresentavam nenhuma dificuldade aparente, mas sim, traziam em seu histórico tanto de vida como escolar, grandes fracassos. Ao se verificar e estudar mais de perto a realidade de vida dessas crianças percebe-se, que ambas tinham em suas famílias pais separados, pais alcoólatras, vários membros da família dependentes químicos. Algumas das crianças sofriam abusos dos próprios parentes. Abusos tanto físicos como exploração do trabalho sexual. Enfim, vinham de um ambiente familiar completamente desestruturado, e em grandes casos, estas crianças não via nas escolas



nada que contemplasse suas necessidades de vida, pois, as escolas não forneciam um subsídio para tais alunos.

Para BOSSA (1994) a partir desta forma de entender os alunos com dificuldades de aprendizagem, foi que fez com que a psicopedagogia trilhasse outros caminhos. O que antes era apenas curativo, em seu surgimento passou a ser valorizado mais a atuação preventiva do fazer psicopedagógico.

Historicamente, a Psicopedagogia nasceu para atender a patologia da aprendizagem, mas ela se tem voltado cada vez mais para uma ação preventiva, acreditando que muitas dificuldades de aprendizagem se devem à inadequada Pedagogia institucional e familiar. A proposta da Psicopedagogia, numa ação preventiva, é adotar uma postura crítica frente o fracasso escolar, numa concepção mais totalizante, visando propor novas alternativas de ação voltadas para a melhoria da prática pedagógica nas escolas. (BOSSA, 1994, p.24)

Hoje cada vez mais se exige do profissional em psicopedagogia, uma visão global do sujeito aprendente, pois para cada novo caso, também pede do psicopedagogo uma nova postura. Mais do que um simples saber fazer é necessário acima de tudo um saber do por que fazer, como fazer e para quem está fazendo. Portanto, isto requer do psicopedagogo estudo rigoroso constante, e tanto revisão teórica como um aprofundamento em novos conhecimentos, e mais do que isso, um pensar em sua prática constantemente. Como podemos ver em WEISS (1994) o psicopedagogo precisa gozar de uma saúde emocional excelente e, ter extremo cuidado em lidar com relações familiares, saber unir saberes necessários para sanar dificuldades realmente apresentadas e prevenir novos distúrbios em detrimento de outro.

O exercício da psicopedagogia não é para quem quer; é, sobretudo, para quem pode. Não basta o domínio teórico, já que seu exercício é metateórico e supõe, por parte do profissional, uma percepção refinadamente seletiva e crítica. Mais ainda, a capacidade de juntar e processar saberes, na medida de cada caso, para dar conta de cada um. A isto há que se somara saúde emocional do psicopedagogo, sua capacidade de transitar entre as complexas relações familiares, muitas vezes em famílias em processo de reorganização, e identificar as possíveis saídas. (WEISS, 1994, P.2)

Cada vez mais esta visão familiar e a relação sujeito-meio vêm tomando mais consistência na prática psicopedagógica, porque é impossível conhecer um sujeito sem conhecer seu meio sócio-cultural, pois cada indivíduo influencia e é influenciado pelo meio que o circunda. E todas estas relações devem ser levadas em consideração no processo de tratamento. Porque em muitos casos não são fatores internos que estão



fazendo com que o aluno não progrida em sua aprendizagem, mas sim fatores e relações externas que podem também contribuir muito para a não aprendizagem. Não se pode olhar o sujeito que aprende no seu simples aqui e agora, mas sim, investigar o passado, o presente e assim traçar novas perspectivas para o futuro. Mas não simplesmente levar o aluno a ter o rendimento que o sistema educacional e a família exigem mas, fazer com que este sujeito tome consciência e gosto pelo aprender, pois o mesmo, é algo inerente do ser humano, algo que já trazemos ao nascer, que é o amor pelo conhecimento ou o desejo pela aprendizagem. Como podemos ver em BOSSA (1994):

Atualmente, a Psicopedagogia trabalha com uma concepção de aprendizagem segundo a qual participa desse processo um equipamento biológico com disposições afetivas e intelectuais que interferem na forma de relação do sujeito com o meio, sendo que essas disposições influenciam e são influenciadas pelas condições socioculturais do sujeito e do seu meio. (BOSSA, 1994 p. 13)

Voltando para a atuação do psicopedagogo que é um campo amplo ou restrito, (isto dependerá de onde este profissional irá trabalhar), pois, cada ambiente pede uma postura diferente. Exemplo bem claro é a atuação do psicopedagogo em clínicas, onde ele goza de total autonomia em seu trabalho, porque em um consultório, o profissional tem inúmeras possibilidades de tratar seus pacientes, pois, pode atender individualmente a criança, pode aplicar testes para avaliar o nível de maturidade cognitiva do indivíduo, pode também optar por fazer um tratamento com todos os membros da família. Já quando sua atuação é apenas institucional ele não goza de tantas possibilidades, pois tem inúmeros fatores que irão influenciar em seu trabalho, como metodologia seguida pela instituição escolar, muitas vezes não irá poder atuar mais ativamente com a família, principalmente quando a queixa vem da escola, ele não terá tantos recursos para tratar seus pacientes, e em grande parte, não é possível fazer um trabalho clínico dentro de uma escola, pois muitas vezes para o bom andamento e para que tudo funcione sem fugir das normas escolares é necessário um trabalho em grupo, pois como já foi salientado, em grandes casos o problema da não aprendizagem não está na criança propriamente dita, mas em outros fatores que estejam contribuindo negativamente para o não desenvolvimento desta criança.

Atualmente, a Psicopedagogia refere-se a um saber e a um saber-fazer, às condições subjetivas e relacionais- em especial familiares e escolares- às inibições, atrasos e desvios do sujeito ou grupo a ser diagnosticado. O conhecimento psicopedagógico não se cristaliza numa delimitação fixa, nem nos déficits e alterações subjetivas do aprender, mas avalia a possibilidade do



sujeito, a disponibilidade afetiva de saber e de fazer, reconhecendo que o saber é próprio do sujeito. (BOSSA, 1994, p.22)

Como podemos notar em BOSSA (1994), o psicopedagogo não pode nunca se fixar apenas nas dificuldades de aprendizagem apresentadas pelo indivíduo. Para a eficiência do seu trabalho, é necessária uma visão mais ampla do problema, pois cabe ao psicopedagogo fazer com que este aluno, este filho progrida em seu conhecimento. E isto requer um saber vasto e uma visão bem mais abrangente, e não apenas reforçar as primeiras críticas feitas pela escola ou pela família. Levando em consideração que cada ser é único e que um mesmo conhecimento ou conteúdo não atinge os alunos de uma forma homogênea, e que cada criança pode estar em níveis de estágio de desenvolvimento diferentes.

Já para WEISS (1994) um dos períodos de maior importância no tratamento está centrado no diagnóstico. Período este em que o psicopedagogo se depara com eventuais queixas e com o indivíduo propriamente dito. Para a autora, este primeiro contato já é o início do tratamento, porque leva tanto a família como a escola e também o próprio indivíduo a tomar uma nova postura frente a tais dificuldades. A autora afirma que neste primeiro contato é de fundamental importância a entrevista de anamnese, pois é onde o terapeuta pode fazer um levantamento de todo o histórico de seu paciente, como relação familiar, histórico escolar, relação orgânica do indivíduo, onde pode estar as possíveis origens das dificuldades. Tudo isso e muito mais pode ser levantado na entrevista de anamnese.

Considero a entrevista de anamnese como um dos pontos cruciais de um bom diagnóstico. É ela que possibilita a integração das dimensões de passado, presente e futuro do paciente, permitindo perceber as construções ou não de sua própria continuidade e das diferentes gerações, ou seja, é uma anamnese da família. A visão familiar da história de vida do paciente traz em seu bojo seus preconceitos, normas, expectativas, a circulação dos afetos e do conhecimento, além do peso das gerações anteriores que é depositado sobre o paciente. (WEISS, 1994, P.48)

Outro ponto que WEISS (1994) aborda, é o período da devolutiva. Que para a autora é outro momento de grande importância no tratamento, pois é onde os pais e profissionais da instituição ficaram sabendo se procede ou não, e onde estão as causas de tais dificuldades. Deve ser um período de grande reflexão tanto para o terapeuta como para os responsáveis, pois envolvem em grande caso as quebras de vários conceitos tanto familiares como das próprias instituições, porque acredita que a origem das



dificuldades de aprendizagem esteja no próprio sujeito em questão, o que muitas vezes não são reforçadas na avaliação do psicopedagogo. Ficando então a cargo das instituições e familiares adequações em uma nova forma de atuação frente à criança.

O que se entende por devolução é uma comunicação verbal feita ao final de toda avaliação em que o terapeuta relata aos pais e ao paciente os resultados obtidos ao longo do diagnóstico. É uma análise da problemática seguida de sínteses integradoras, que devem ser repetidas sempre que sejam acrescentadas novas informações e de algum modo se arrumando novamente a situação no sentido da diminuição das resistências. (WEISS, 1994, P.118)

Portanto, como podemos ver, para um bom trabalho psicopedagógico é de fundamental importância um bom preparo do profissional, e acima de tudo nunca delimitar seu trabalho simplesmente na primeira queixa apresentada ou relatos feitos sem um aprofundamento real da situação do sujeito em questão, perante isso, o exercício psicopedagógico não é para quem quer, mas sim para alguém que se debruce por cima das literaturas e, que não tenha medo de ser ousado, em fazer e refazer o seu trabalho quando for o caso, mas acima de tudo é uma ação e reflexão constante, pois o psicopedagogo não pode ser uma pessoa com pouco conhecimento da tão complexa relação ser humano e conhecimento. Outro fator de grande relevância são as relações do indivíduo com o meio social. Este que será o assunto do próximo capítulo.

2.1 SOCIEDADE E CONCEPÇÃO PSICOPEDAGÓGICA DA APRENDIZAGEM

Outra autora que enfatiza a importância das influências do meio social no diagnóstico psicopedagógico é Weiss. Para ela, o modelo que se tem de aprendizagem não se restringe a observações primárias, mas sim, um olhar ao ser como um todo, que é composto pelas partes, que para obter êxito no diagnóstico e tratamento é primordial este elo de ligação tanto das relações do sujeito aprendente como também da conexão com outras áreas do conhecimento, pois quando se busca entender e compreender como este ser constrói seus conhecimentos, é caótico delimitar através de um simples olhar, ou dar primazia e crédito para uma área do conhecimento.

O objetivo básico do diagnóstico psicopedagógico é identificar os desvios e os obstáculos básicos no **Modelo de Aprendizagem** do sujeito que o impedem de crescer na aprendizagem dentro de esperado meio social. Assim, para conhecer esse Modelo de Aprendizagem conta-se, nos dois eixos descritos, com dados oriundos das observações da escola, da família e obtidos diretamente pelo terapeuta e por outros profissionais. (WEISS, 1994, P.18)



Como podemos notar, a autora dá ênfase em se ter um olhar que vai além do primeiro relato da não- aprendizagem, levando em consideração todo o processo holístico em que envolve o sujeito. No entanto, o que vem a ser esta não aprendizagem? Para realmente definirmos o que é toda esta problemática que envolve e faz com que o sujeito não aprenda é, preciso conhecer primeiro o que estamos chamando de aprendizagem dentro de uma visão psicopedagógica. Para Bossa (1994) a aprendizagem é a incorporação de signos lingüísticos e técnicas que faz com que este sujeito se inclua dentro do meio social em que pertence. Para a autora, estes signos e estas técnicas são algo que já estavam prontos antes mesmo deste ser vir ao mundo. Portanto, é algo externo a ele. Cabe ao indivíduo simplesmente ir modelando-se às normas e leis já estabelecidas, incorporando regras de condutas e princípios morais que quase sempre são pensamentos e valores de uma classe superior a ele, que não respeita os anseios e necessidades próprias de cada ser.

A aprendizagem, afinal, é responsável pela inserção das pessoas no mundo da cultura. Mediante a aprendizagem, o indivíduo se incorpora ao mundo cultural, com participação ativa, ao se apropriar de conhecimentos e técnicas, construindo em sua interioridade um universo de representações simbólicas. (BOSSA, 1994, p.21)

Enfim, num campo de grande complexidade como é o de trabalhar com a aprendizagem humana, nunca deve- se restringir a mera aceitação de normas e valores impostos, que muitas vezes impedem os componentes desta mesma sociedade de pensarem certo e serem atuantes dentro do seu contexto social. Para a Psicopedagogia, não se deve embasar simplesmente em um levantamento superficial, por isso, faz-se necessário diagnosticar onde estão as eventuais dificuldades. Para tanto, é de extrema necessidade um levantamento que envolva todas as tramas do meio em que o sujeito está envolvido. Um autor que possui grandes contribuições e relata bem toda esta problemática que envolve sujeito-meio e meio-sujeito é Paulo Freire. Em seguida analisaremos o pensamento deste brilhante teórico.

3-INFLUÊNCIAS SOCIAIS NA CONCEPÇÃO FREIRIANA

Paulo Freire foi um Brasileiro, Nordesteiro que viveu entre 1921 a 1997, o qual atuou no magistério durante boa parte de sua vida, foi escritor de vastas obras as quais



relatavam sobre direitos humanos à liberdade, a se ter uma boa educação escolar, e principalmente direito a liberdade de ser um ser humano consciente de seu papel dentro da sociedade. Foi um dos principais teóricos do século xx, e com sua forma de ver e de fazer educação mudou completamente o pensamento e o trabalho educacional em grande parte dos países por onde passou; atuou principalmente com a educação de jovens e adultos, defendendo que o fazer pedagógico deveria ser a contemplação dos saberes e conhecimentos já construídos pelo educando. Hoje após 15 anos de sua morte ainda continua sendo um dos teóricos mais estudados e debatidos em todo o mundo.

Para BRANDÃO (2005) Freire foi defensor de uma educação a qual contemplasse tudo o que o educando já trazia de casa, ou seja, seus saberes já construídos. Para ele, o ato de educar ou a educação escolar deveria ser feita com o educando e para o próprio educando. Freire acreditava em uma educação que libertasse o ser humano, que não o oprimisse ainda mais, pois notou as terríveis consequências da opressão em seus estudos e em seu conhecimento de mundo. Conhecimento este que foi se fazendo ao longo de sua vida e pelos lugares por onde passou. Viu esta educação escolar que era trabalhada até então como sendo algo estranho ao indivíduo, algo que vinha de outra realidade a qual em muitos casos não valorizava os educandos como seres humanos ou nunca tinha valor concreto para o próprio educando dentro do meio em que estava inserido. Freire sabia que a educação por si só não muda o mundo, mas tinha plena consciência de que, não existe outra forma de mudança, seja de âmbito político social, ou tanto de mudanças internas do sujeito, sem antes passar pela educação e pela mudança de pensamento.

Paulo Freire não foi um cientista social, ou seja, um sociólogo, mas, de seus inúmeros escritos, onde ele relata sobre relações inter e intra-subjetivas dos seres humanos, podemos deduzir que Freire tinha uma visão da sociedade da seguinte forma: que era esta mesma sociedade que constrói suas próprias mazelas, e que esta sociedade que dita as normas de conduta, também exclui, segrega, oprime. Portanto como o foco deste trabalho é de âmbito educacional, e foi realmente para a educação que ele escreveu toda sua vida. Podemos tirar de seu pensamento grandes contribuições.

Paulo Freire foi defensor de uma educação que contemplasse o sujeito como produtor de sua própria história, que levasse o indivíduo a se tornar um ser atuante dentro de uma sociedade. Ele acreditava que as mudanças não aconteceriam da noite para o dia, nem que começariam de cima para baixo, mas que a verdadeira mudança precisa ser feita



por aqueles que são tidos como classe menos favorecida, ou como esfarrapados do mundo.

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “inversão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transforma e realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. (FREIRE, 1992, p.37)

Freire acreditava que nossa realidade social é feita e moldada pelos homens que fazem parte desta mesma sociedade. Para tanto, não são todos os homens que gozam de direito dentro desta sociedade, pois há uma pequena minoria que se beneficia dos trabalhos de outros e gozam de uma vida de requintes e conforto, enquanto a maior parte das pessoas não tem se quer o mínimo que precisa para sua sobrevivência. Parte daí os princípios das mudanças, pois aqueles que não usufruem do gozo da liberdade é quem devem+ lutar pelos seus direitos. Freire argumentou em muitos de seus escritos sobre “*práxis*” que para ele é a prática pensada, mas não um pensar alienado ou elitizado, mais sim, um pensar certo, um pensar consciente. Para ele, somos serem inacabados que vivem em busca de seu aperfeiçoamento. Que muitas vezes, este aperfeiçoamento é privilégio de poucos, que comandam e ditam as regras de conduta dentro da sociedade.

Para Freire um lugar onde esta diferença é mais acentuada, é na educação escolar ou educação institucionalizada. É lá no ambiente escolar, o local onde se dá o maior massacre contra os direitos à liberdade dos seres humanos. Onde os educandos são vistos e tratados como recipientes vazios que precisam ser preenchidos. Esta forma de se trabalhar a educação escolar foi criticada durante toda a vida de Paulo Freire, que defendeu em seus inúmeros escritos uma educação que levasse o educando a não apenas ser um mero espectador, mas sim, um transformador de tudo o que lhe é ensinado, ou seja, um sujeito ativo dentro do processo de ensino aprendizagem.

A concepção e a prática da educação que vimos criticando se instauram como eficientes instrumentos para este fim. Daí que um dos seus objetivos fundamentais, mesmo que dele não estejam advertidos muitos dos que a realizam, seja dificultar, em tudo, o pensar autêntico. Nas aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos “conhecimentos”, no chamado “controle de leitura”, na distância entre o educador e os educandos, nos critérios de promoção, na indicação bibliográfica, em tudo, há sempre a conotação “digestiva” e a proibição ao pensar verdadeiro. (FREIRE, 1992, p.64)

Para ele, este fazer pedagógico torna o educando passivo e o proíbe de ver sua real situação de oprimido, torna-o mero observador da história e não produtor. Também



relatou da inocência de alguns educadores, pois muitos não têm em mente o porquê de sua prática, e acima de tudo a favor de quem está seu fazer pedagógico, que se depara com a agressividade de uma postura de detentor de todo conhecimento, de um saber vertical de cima para baixo, e do amedontramento de seus educandos. Esta forma de fazer educação, Freire chamou de educação “bancária”, que estava longe de ser uma educação ideal, que liberta e que transforma, mas muito pelo contrário, serve de arma nas mãos dos opressores. Para ele, se queremos de fato levaros educandos a serem sujeitos autônomos e construtores dentro do meio em que está inserido, não devemos começar, os alienando. Esta é a tarefa primordial dos educadores, que se dizem humanistas, a árdua tarefa de transformar sua realidade, partindo de uma educação que valorize o amor e o respeito à liberdade de aprender de cada um.

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a liberdade dos homens não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A liberdade autêntica, que é a humanização em processo, não é uma *coisa* que se deposita nos homens. Não é uma palavra oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (FREIRE, 1992, p.66)

Como podemos ver, Freire via na educação uma arma fundamental de mudanças pela qual não há outra forma de libertação a não ser pela própria educação. Deste pensamento podemos deduzir que Freire tinha a escola como principal perpetuadora das diferenças de classes e de valores, pois a educação formal não valorizava o que os alunos já tinham de sua cultura familiar, de seu “eu” já construído. Desvinculando assim, tudo o que já foi aprendido pelo educando até seu ingresso na escola. Como já foi salientado, Freire não foi um sociólogo de formação, mas, como o homem é um ser social, nascido para viver em sociedade, e é nas instituições escolares o local onde se dá o maior processo de socialização do ser humano, não podemos descartar as contribuições, e a visão social de Paulo freire, já que ele acreditou em uma educação que não apenas fosse mais uma reprodutora social de desigualdades, ou mera adaptadora dos seres humanos, mas que na medida em que se vai conhecendo, vai também transformando, e sendo transformado pelo objeto do conhecimento, pois cada ser é único e como ser único também deve ser tratado e respeitado como tal, não tratar os educandos como uma massa homogênea, onde às partes não são valorizadas, mas sim somente o todo.

E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens



materiais, as coisas sensíveis, os objetivos, mas também as instituições sociais, suas concepções. (FREIRE, 1992, p.92)

Freire defendeu uma educação que não sirva apenas para a mecanização dos educandos. Que os sistemas educacionais não apenas produzam mãos de obras, para atender às exigências dos grandes centros industriais, mas que leve este indivíduo a produzir, e também o transforme. Que saiba aplicar seus saberes em prol de uma vida mais digna e humana. Ele sempre acreditou que cada ser é dotado de habilidades, com as quais são capazes de fazer incríveis mudanças, seja para si próprio, seja para o bem comum da humanidade. Basta apenas que tome consciência de estar inserido em um meio social que é dinâmico, não estático e que não deve assistir a tudo passivamente. Como ele mesmo disse, o mundo não é apenas o que está sendo, cabe a cada um moldar o mundo que deseja viver.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. (FREIRE, 1998, p.85)

Por fim, Freire não apenas acreditou em seu povo, mas também resgatou a alta-estima deles, dos desacreditados, dos humilhados e fez brotar em cada ser uma gotinha de esperança. Uma esperança que traduzia um anseio e uma vontade de ver um mundo mais digno para se viver. Como já foi levantado, Freire deu maior contribuição para a educação escolar, e principalmente para a educação de jovens e adultos.

4- CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE NO CAMPO PSICOPEDAGÓGICO

Como foi levantada no primeiro capítulo a área de atuação do psicopedagogo, pode ser muito restrita e ao mesmo tempo abrangente; restrita porque lida com as dificuldades de aprendizagem, dificuldades estas que advêm de inúmeros fatos. Ou para ser mais preciso, o campo da psicopedagogia é restrito, quando lida com o sujeito em processo de não aprendizagem, e abrangente quanto aos fatores que influenciam para a não aprendizagem, podendo ser de múltiplas causas, como: relação familiar, questões emocionais, neurológicas, psicológicas e sociais. E em muitos casos o problema maior está na própria instituição. Para tanto, cabe ao profissional desta área a difícil missão de fazer com que este indivíduo que apresenta eventuais dificuldades aprenda. Mesmo que



não tenha condições mínimas para tal. Não importando que estas dificuldades venham de fatores externos ou internos, o essencial é que o psicopedagogo crie possibilidades para o desenvolvimento deste indivíduo em seus estudos.

Por isso, há a necessidade do bom preparo do profissional desta área, e sua ligação com profissionais das diversas áreas do conhecimento, como por exemplo: um neuro-psiquiatra, um fonoaudiólogo, um terapeuta ocupacional, entre outros.

Como o foco deste trabalho são as possíveis contribuições de Paulo Freire para a atuação do psicopedagogo; levaremos em consideração os fatores externos ao indivíduo, que Freire dá maior ênfase. Segundo o autor, para que um sujeito progrida em sua aprendizagem é necessário que haja um interesse maior do que simplesmente sentar em uma carteira por horas e horas só ouvindo um mote de bla, bla, bla... Precisa de algo que leve este sujeito a querer sempre mais em termo de conhecimento, ou que seja, algo que lhe desperte prazer, que ele sinta parte integrante do processo, não mero receptor passivo. Freire (1992) afirma que “Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. “Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio”. (FREIRE, 1992, p.70). Como podemos ver, para Freire, quanto mais jogarmos a responsabilidade da necessidade de aprendizagem para cada um, como ser que nasceu para aprender e evoluir como indivíduo, que é dotado de habilidades para melhorar sempre. Melhor será este educando dentro do processo ensino aprendizagem, pois, se sentirá como um ser criador e recriador de seu mundo. Também chamou a responsabilidade para os educadores, pois para Freire, passa primeiro pela prática consistente do educador, a necessidade que o educando tem de ser guiado ao saber; mas quando ele chama de educador, não está dizendo simplesmente o professor em si, mas todas as pessoas envolvidas no processo, como por exemplo: o gestor da escola e o coordenador. Pois, como corpo docente, cabe a nós conduzir os discentes, para a luz que liberta, que leva para um mundo de verdades. Freire não só fez de seu ato educativo um ato libertador, mas chamou para o educando sua responsabilidade para sua aprendizagem e para sua libertação.

4.1 DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO PARA FREIRE

Freire, não dá claras evidências do que vem a ser uma avaliação diagnóstica em psicopedagogia; como já foi salientado, ele não foi um psicopedagogo de formação, mas,



dentro de sua visão educacional ampla, podemos tirar de seu método de alfabetização de adultos, os princípios que trabalham o psicopedagogo para diagnosticar e avaliar um indivíduo dentro dos meios sociais em que este mesmo indivíduo está inserido. Todavia, o método diagnóstico de Paulo Freire consistia em um adentramento nas comunidades sem um manual de pesquisa pré-estabelecido, onde era à partir da conversa informal com a comunidade que vinha surgindo tudo que dizia respeito aos anseios e necessidades daquela população. Algo parecido diz respeito à EOCA. Método usado por Jorge Visca como parte primária do tratamento psicopedagógico.

A Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem- EOCA consiste em deixar o paciente produzir livremente em uma folha de papel branca algo que ele sabe fazer; neste meio tempo o terapeuta avalia tudo que está por trás da ação do paciente, algo que ele não diria em uma entrevista formal com os pais ou apenas só com o terapeuta. Assim, para Visca a eficácia do diagnóstico flui naturalmente, pois, o psicopedagogo deixa de lado tudo o que já veio pré-definido pela escola ou pela família, pois ele começa a trabalhar com tudo que o paciente apresentar. Esta forma de avaliação diagnóstica não aceita rótulo, não trabalha com problemas aparentes, mas sim, com tudo o que foi percebido desde o primeiro momento na EOCA.

Como podemos notar, Freire parte do mesmo princípio para a avaliação diagnóstica em seu método de alfabetização de adultos. Para Brandão (1986) não era um simples método de alfabetização qualquer, mas algo que ia além. Um método que ao mesmo tempo em que alfabetiza também liberta. Liberta no sentido de tornar o educando conhecedor de seu próprio mundo, de sua situação no mundo; mas, não apenas conhecedor e sim, um transformador acima de tudo. Para tais fins, o método de alfabetização de Paulo Freire partia de três princípios: pesquisa do universo vocabular, elaboração dos temas e palavras geradoras, círculo ou roda de cultura.

Mas, não nos cabe aqui adentrar ao método propriamente dito, apesar de ser de grande riqueza. Para tanto, como este trabalho é de cunho estritamente psicopedagógico, a parte de maior relevância para nós por hora, é a primeira parte do método que está mais ligado à visão diagnóstica.

Freire com sua equipe adentravam a comunidade sem nenhum manual de observação pré-estabelecido, com isso, ele conseguia obter uma visão ampla do que realmente aquelas pessoas precisavam de verdade. Ao estar junto com a comunidade, aberto para um diálogo em pé de igualdade, Freire e sua equipe iam conhecendo a sintaxe,



a semântica, os anseios e os desejos da população. E através deste primeiro contato se iniciava o que Paulo Freire chamou de colhimento dos temas geradores; temas estes que davam origem às palavras geradoras, que subsequentemente seriam usadas nos círculos de cultura. Palavras estas que tinham grande valor vocabular dentro da comunidade.

Se for viável, habitam sem molestá-lo o seu cotidiano. Não há questionário nem roteiros predeterminados para pesquisa. Se houvesse, eles seriam como uma cartilha. Trariam pronto o ponto de vista dos pesquisadores. (BRANDÃO 1986, p.25)

Como podemos ver, em Brandão (1986) Freire sempre foi contra qualquer forma de trabalho educacional pré-estabelecido, pois ele acreditava que algo que vem de fora não é algo que contemple os desejos de um povo, ou mais do que isto, é algo que aliena que oprime que inibe o pensar certo. Portanto, Freire nunca usou em seu manual de pesquisa ou em sua visão diagnóstica um roteiro pronto, pois acreditava que a forma de ser de cada um, diz muito a seu respeito.

Jogando para a atuação em psicopedagogia, seja em clínica, hospital ou instituições, podemos concluir que, para uma avaliação diagnóstica, nunca deve deixar-se levar pela aparência ou pelo que é levantado a primeiro momento pela queixa feita, pois em muitos casos não é a contemplação das necessidades de uma pessoa, seja ela criança, jovem ou adulto, pode desencadear inúmeros fatos que irá influenciar negativamente para a aprendizagem. Já em relação ao tratamento vejamos o que Paulo Freire tem para nos orientar.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se sabe exatamente quando tenha surgido o pensamento psicopedagógico; sabendo que a preocupação da psicopedagogia é a de focar o trabalho no processo de ensino aprendizagem, ou para ser mais preciso, o sujeito em plena construção do conhecimento. Como sabemos, a aprendizagem é intrínseca ao ser humano, mas os primeiros movimentos em prol de sanar as dificuldades de aprendizagem se deram em meados do século XIX. Porém, é algo que nos intriga até os dias atuais, pois embora muitos teóricos e pesquisadores estudem e indaguem e se indaguem, nunca conseguiram definir ou delimitar a construção do conhecimento pelo ser humano, porque algo tão intrigante como é a aprendizagem e a constituição da mente humana não nos cabem minimizar, já que, esta potencialidade é dádiva de DEUS.



Este trabalho traz de volta o pensamento de um dos mais brilhantes educadores brasileiros, Paulo Freire, que viveu em um período de grandes transformações no Brasil, sofreu muito por ter uma opinião que ia contra os interesses de pessoas de grandes influências na época, também foi contra esta forma excludente de educação, que apesar de ser muita criticada ainda persiste até os dias atuais. Apesar de tudo, fez de seu ato educativo, um ato político e transformador, como afirmou sempre em seus discursos e escritos: “toda ação educativa é um ato político”, pois está empregado de interesses e ideologias, só cabe ao educador ter uma prática consistente e progressista a favor da liberdade humana, do ser ao invés do ter.

Já em relação à atuação do psicopedagogo, que é um profissional de grande importância no processo de ensino aprendizagem; cabe ao profissional que se aventurar por este caminho, o respeito a princípios humanos ao invés de simplesmente atuar para atender o que pede o sistema ao qual está a serviço, ter valores éticos maiores do que interesses financeiros. Isto seria o que Freire diria se fosse um psicopedagogo de formação e de atuação, mas como não o foi, deu grandes contribuições por ter sido um teórico que pensou a educação como um todo, saiu literalmente do recinto institucional, para atuar para o povo e com o povo, pois acreditou que cada ser é dotado de habilidades, só precisa que lhe de em oportunidades, e tenha alguém que lhe mostre o caminho a seguir.

REFERÊNCIAS

BOSSA, Nadia Aparecida. **A Psicopedagogia no Brasil** Contribuições a Partir da Prática; Artes Médicas. Porto Alegre, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. Brasiliense, São Paulo, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Paulo Freire, **Educar para Transformar**: fotobiografia; Mercado Cultural, São Paulo, 2005.

COSTA, Manuel da Pinto. **Coleção Memória da Pedagogia N° 5 Emilia Ferreiro**; Espaço Cultural, São Paulo, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 20ª edição São Paulo, Paz e Terra 1992.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**; 7ª edição São Paulo, Paz e Terra, 1998.



LUCIA, Maria Lemme Weiss. **Psicopedagogia Clínica** *Uma visão Diagnóstica*, 2ª edição, Porto Alegre, Artes Médicas 1994.

NASPOLINI, Ana Tereza. **Didática de Português: Tijolos por Tijolos: Leitura e Produção Escrita**. São Paulo. FTD, 1996.

ROSA, Sanny s. Da. **Construtivismo e Mudança**: 2ª edição São Paulo, Cortez 1994.

VIGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1984.

VISCA, Jorge. **Psicopedagogia** Novas contribuições; Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1991.